

Мелкий Бес

Fiódor Sologub

O Diabo Mesquinho

Мелкий Бес

Tradução do russo **Moissei Mountian**

Revisão estilística **Aurora Fornoni Bernardini**

Capa e ilustrações **Fabio Flaks**

KaLiNka

Nota da editora

É com imenso orgulho que a Editora Kalinka se inaugura com a obra *O Diabo Mesquinho*, de Fiódor Sologub (1863-1927). A idéia da inauguração ganha um sentido ainda maior já que pela primeira vez chega ao Brasil um romance de F. Sologub, autor que apareceu aqui apenas timidamente por meio de alguns contos em coletâneas russas.

O romance *O Diabo Mesquinho*, polido durante dez anos (1892-1902), é uma obra de força e marca singular, que conquistou grande fortuna crítica na sua época, com traduções para diversas línguas, chegando assim até os dias de hoje.

Traduzida diretamente do russo por Moissei Mountian, o romance dá a oportunidade ao leitor de entrar em contato com uma das figuras principais do simbolismo russo, movimento que se centrou na primeira década do século XX, definindo-se, pois, num momento de intensas transições, num cenário marcado com as vésperas de grandes rupturas na Rússia, com as máculas de uma sociedade profundamente enraizada em si mesma e ao mesmo tempo inserida em dilemas ubíquos. O contexto simbolista criou bases para o desligamento da realidade imediata na arte russa, contribuindo para a busca de experimentalismos, que logo assumiriam aspectos subjetivos do mundo como matéria-prima da criação.

Além disso, a prosa de F. Sologub, beirando o fantástico, revela, como boa parte da produção simbolista, intimamente ligada à poesia, forte preocupação formal, numa busca pela concisão da expressão poética.

Daniela Mountian

Sobre a obra

O romance *O Diabo Mesquinho*, de Fiódor Sologub, conta a história de Ardalión Boríssytch Peredónov, um professor do ginásio de uma pequena província russa do fim do século XIX, que, tendo em vista sua ascensão social por meio de um posto de inspetor, busca, como um insano, um matrimônio conveniente e as proteções que considera necessárias. Ao mesmo tempo, seus circunvizinhos, personagens "marionetizadas"¹⁸, tentam fisgá-lo por todos os lados: Varvara, sua amante, de feições e gestos vulgares, quer ser sua esposa a todo custo e, ao lado de Grúchina, mulher maltrapilha com três filhos esfarrapados, inventa os mais tolos planos para conquistá-lo; Viérchina, uma viúva, vestida invariavelmente de preto, com uma piteira na boca e jeito de feiticeira, quer arranjar um bom partido para Marta, filha de um nobre polonês empobrecido e sua protegida; Rutílov, com um elegante chapéu e dentes podres, tenta lhe empurrar uma de suas geniosas irmãs; Prepoloviénskaia, uma comadre rechonchuda que gosta de roubar no carteadado, quer lhe dar a mão de sua irmã...

Peredónov está envolvido numa teia de mexericos que se reproduzem continuamente. Acaba atolado nesse lamaçal de intrigas, imerso em alucinações e paranóias que o assolam cada vez mais. As ações de todos os seus conhecidos só fazem alimentar os pesadelos alucinatórios que o assaltam e dão um tom fantástico e fantasmagórico à obra.

* Aurora Fornoni Bernardini, "Questões de forma e modernidade em Gógol e Dostoiévski", *A Questão da Modernidade*. São Paulo, FFLCH/USP, Caderno 1, 9-14, 1993. O termo "marionetizado" foi usado por Bernardini para definir as construções gogolianas: "(...) o mundo específico e isolado de cada personagem psicologicamente achatada (marionetizada), (...)". O conceito foi usado em Sologub, uma vez que as personagens de *O Diabo Mesquinho* trazem um tipo de construção semelhante, muitas delas, inclusive, são descritas de fato como bonecas e marionetes, com movimentos mecanizados e repetitivos, como de seres inanimados. (N. da E.)

Numa sociedade sem vítimas, todos conspiram para a loucura de um homem já corrompido.

Num enredo paralelo, mas que se mistura às diversas tramas e tramóias, temos o caso de amor da alegre Ludmila e o belo ginasião Sacha, que conhece os signos dos primeiros desejos e as marcas ambíguas de uma sexualidade que acaba de nascer.

Peredónov nos chega como um anti-herói, expressão máxima de uma sociedade mesquinha e decaída — personagem tão marcante que na época o nome *Peredónov* passou a ser usado para caracterizar certos comportamentos humanos egoístas e insensíveis, algo parecido com Oblómov, do homônimo romance de Gontcharóv.

As situações de *O Diabo Mesquinho* beiram o absurdo e o fantástico tocando, ao mesmo tempo, em questões cheias de concretude e violência, relacionadas ao poder, à autoridade, ao funcionalismo público etc., sempre permeadas por flechadas irônicas, pessimistas e destituídas de psicologismos. Por isso, mesmo depois de 100 anos de sua primeira publicação, a obra se mantém atual e contundente.

E a estrutura farsesca acompanha seu conteúdo, segue o ritmo das artimanhas e dos subterfúgios de todas as personagens, numa narrativa propositadamente *desestruturada, caótica e plana*.

Sologub, influenciado tanto pelas construções de Cervantes (*D. Quixote* era seu livro de cabeceira) e pelo idealismo de Schopenhauer como pelos procedimentos de humor de Gógol e pelas questões de moralidade de Dostoiévski, mostra-nos um mundo no qual se discutem conceitos de *perfeição, amor e beleza*.

O Diabo Mesquinho foi um dos romances mais notáveis da produção simbolista russa, corrente literária que se centrou na primeira década do século passado; um período no qual a poesia e a estética ganham destaque depois da era dos grandes romances realistas.

Sobre o autor

Fiódor Sologub, cujo nome verdadeiro era Fiódor Kuzmítch Tetiérnikov, nasceu em 1863, em São Petersburgo. Seu pai, um alfaiaite, morreu quando Sologub ainda era jovem. Sua mãe, uma cozinheira, trabalhava numa casa de família. Apesar de sua origem humilde, ele tornou-se um professor de matemática — trabalhou em pequenas províncias e em São Petersburgo como professor e inspetor até o ano de 1907.

Chegou aos círculos literários como uma figura enigmática, distante e sombria. Conheceram-no já com o fio do pincenê dividindo o seu rosto, com os olhos sempre entreabertos, os trejeitos enfadados — uma figura adormecida, estranha e antiga. Apesar de não ter se envolvido pessoalmente na organização do movimento simbolista, Sologub foi uma de suas figuras centrais. Mas foi com o romance *O Diabo Mesquinbo* (1892-1902) que conseguiu prestígio suficiente para viver como o grande poeta, escritor e dramaturgo que foi.

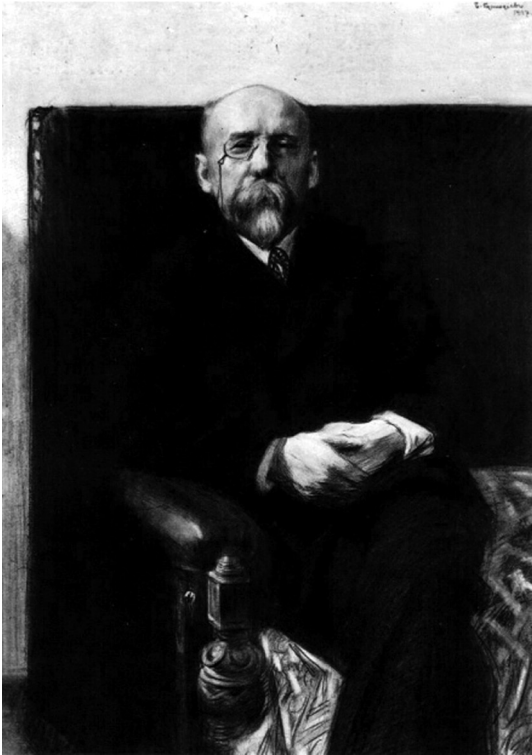
O simbolismo russo é embebido de nomes franceses como Baudelaire e Rimbaud, mas estabelece sua autonomia trazendo as marcas próprias da cultura e da filosofia russas, achando no filósofo Vladímir Solovióv (1853-1900) sua base de sustentação.

Em linhas gerais, achamos nas obras da época fortes aspectos do decadentismo — bem evidentes em muitos trabalhos de Sologub —, símbolos como a serpente e o dragão se patenteiam em universos dicotômicos — fantásticos e realistas, concretos e etéreos —, expressando, pela oposição, o desencantamento da vida diante de um modelo de perfeição inatingível. É a busca de um ideal distante, de um mundo belo, claro e espiritual, manifestado no contraste com uma realidade grotesca e imersa em sombras. O período ganha tam-

bém matiz mais ideológico, definindo uma outra vertente, como no caso do crítico e escritor literário Andréi Biely (1880-1934).

A vida de F. Sologub foi marcada com a presença de duas mulheres, sua irmã Olga Kuzmínichna, uma mulher contida, sempre de preto, que morreu tuberculosa, e Anastassia Nikoláievna Tchebotarévskaja, com quem se casou depois da morte de Olga. Traços desses dois amores estão presentes em muitos de seus poemas.

A morte trágica de sua excêntrica esposa, que se jogou da ponte Tutchkón ao rio Nevá, em 1921, depois de inúmeras tentativas frustradas de saírem da Rússia soviética, marcou os seus últimos anos. Suas obras, nessa época, quase não eram mais publicadas. Assim como os trabalhos de muitos outros escritores que não se adequaram aos ditames daquele sistema. Apesar de tudo, Fiódor Sologub nunca deixou de escrever. Publicou romances, novelas, contos, poesias e peças de teatro. Morreu no ano de 1927.



Retrato de Sologub feito pelo famoso pintor russo B.M. Kustodiev (1878-1927).

Prefácio do autor à 2ª edição

O romance *O Diabo Mesquinho* foi iniciado no ano de 1892 e finalizado no ano de 1902. Foi publicado pela primeira vez na revista *Questões da Vida* em 1905 (n.º. 6 – 11), mas sem os últimos capítulos. Em versão integral, o romance só saiu em março de 1907, pela editora Rosa Silvestre.

Pude notar duas opiniões antagônicas nas críticas, escritas ou verbais, que chegaram a mim:

Alguns acreditam que o autor, por ser ele mesmo um homem muito ruim, quis compor a própria imagem e, assim, retratou-se na personagem do professor Peredónov. Em virtude de sua sinceridade, o autor não tentou se defender ou fazer-se belo. Colocaram-me dentro desta surpreendente empreitada rumo ao Gólgota, como se, por alguma razão, eu me pusesse voluntariamente a sofrer. Criou-se, dessa maneira, um romance interessante e inofensivo.

Interessante, já que por meio dele se vê como no mundo existem pessoas más. Inofensivo, uma vez que o leitor pode dizer: "Nada disso diz respeito a mim."

Outros, não tão severos com o autor, acreditam que os *peredónovs*, cujo retrato está no romance, constituem fato bastante corriqueiro. Acreditam, ainda, que, se cada um se examinasse com bastante atenção, acharia em si mesmo traços dessa personagem.

Entre essas duas opiniões, dou preferência àquela que me é mais agradável, que é, evidentemente, a segunda. Não me deparei com a necessidade de compor e de inventar o retrato da minha pessoa. Todo o anedotário, trivial e psicológico do meu romance foi baseado em observações exatas, tive para isso muitos "modelos" à minha volta. E, se o trabalho sobre o romance tornou-se tão demorado, foi para que o acaso pudesse se elevar a uma condição primordial,

para que, onde Aisa* reinava despejando anedotas, passasse a reinar a severa Ananque**.

De fato, as pessoas gostam de ser amadas. Para elas, seria agradável que fossem sempre retratados os aspectos mais nobres e elevados da alma. Até em malfeitores gostariam de ver clarões de bondade, uma *faísca divina*, como diziam na Antigüidade. Por isso não conseguem acreditar na imagem fiel, precisa, sombria e raivosa que se esboça diante de seus olhos. É mais fácil dizer:

— Ele escreveu sobre si mesmo.

Não, meus queridos contemporâneos, meu romance trata dos senhores, o romance do Diabo Mesquinho e da terrível *nedotykomka*, do Ardalión Peredónov e da Varvara Peredónova; do Pável Volódin; da Dária, Ludmila e Valéria Rutílova; de Aleksándr Pýlnikov trata dos senhores.

Este romance é um espelho feito com arte. Eu o poli longamente, trabalhei nele com afínco.

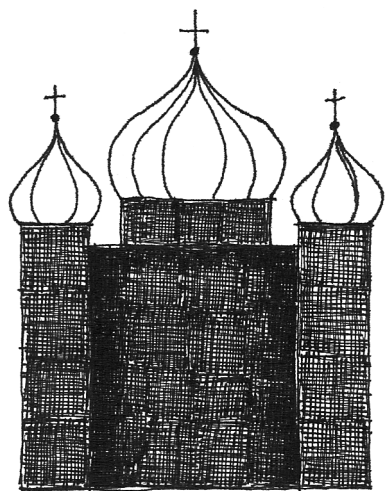
Muito plana é a superfície do meu espelho, e muita limpa a sua composição. Inúmeras vezes mensurado, cuidadosamente conferido, ele não comporta nenhuma distorção.

O feio e o belo refletem-se nele com a mesma precisão.

Janeiro de 1908.

* Aisa (*Átropos*), umas das três Moiras, tidas como aquelas que prediziam o futuro por meio de seus cantos, fixando o Destino dos homens. Aisa era a mais velha das irmãs. (N. do T.)

** Ananque, filha de Saturno e irmã de Júpiter, personificava a força constrangedora do Destino. (N. do T.)



Texto traduzido diretamente do original russo, *Melkii Bes*, tendo como base a edição publicada pela Bradda Books, Inglaterra, 1966.

As notas do tradutor (N. do T.), de Moissei Mountian, receberam colaborações de Aurora Fornoni Bernardini, Daniela Mountian e Denise Sales.

О Diabo Mesquinho
Мелкий Бес

"Eu queria queimá-la, bruxa malvada"

Depois da missa de domingo os paroquianos dispersaram-se para voltar às suas casas. Alguns pararam diante do muro da igreja, atrás das paredes brancas de pedra, sob as velhas tílias e os bordos, e ficaram conversando. Todos estavam arrumados para o domingo e se entreolhavam afavelmente, e parecia que nesta cidade se vivia em paz e amizade. E até com alegria. Mas isso apenas parecia.

Peredónov, professor do ginásio, conversava numa roda de amigos — com os olhinhos inchados por trás dos óculos de armação dourada, ele olhava sombriamente para os seus interlocutores e dizia:

— A própria princesa Voltchánskaia prometeu à Vária, isso já é certo. "Assim que se casarem", disse ela, "consigo de imediato um cargo de inspetor para ele."

— Mas como vai se casar com Varvara Dmítrievna? — perguntou Falástov, o de rosto vermelho. — Pois ela não é sua irmã? Será que saiu uma nova lei que permite que se case com as próprias irmãs?

Todos riram. A face rosada de Peredónov, geralmente indiferente e sonolenta, tornou-se furiosa.

— Apenas irmã em terceiro grau*... — resmungou ele olhando bravo e enviesado para os interlocutores.

— Pois foi a você mesmo que a princesa prometeu? — perguntou Rutílov, pálido e alto, elegantemente trajado.

— À Vária, não a mim — respondeu Peredónov.

— É assim, e você ainda acredita — disse Rutílov, animado. — Falar é fácil. Mas por que você mesmo não foi ver a princesa?

* Na Rússia, "irmã em terceiro grau" equivale à nossa "prima em segundo grau", assim como "irmã em segundo grau", ou, como no romance, simplesmente "irmã", à "prima-irmã" ou "prima em primeiro grau". A tradução optou por manter o termo "irmã", ou seja, por manter a forma russa de definir o parentesco, para conservar a "distância" e o cômico do enredo. (N. do T.)

— Fique sabendo que nós fomos lá, Vária e eu, mas não conseguimos ver a princesa — respondeu Peredónov —, ela já tinha partido para a aldeia, não a pegamos por cinco minutos, e só voltaria dali a três semanas. Não dava para esperar, eu precisava retornar por causa dos exames.

— Há algo duvidoso aí — disse Rutílov e sorriu mostrando os dentes estragados.

Peredónov ficou pensativo. Os interlocutores dispersaram-se. Só Rutílov ficou.

— Afinal — disse Peredónov —, eu posso com qualquer uma, qualquer uma que eu queira. Varvara não é a única.

— É claro, Ardalión Boríssytch, com você qualquer uma iria — confirmou Rutílov.

Eles se afastaram do muro e atravessaram lentamente a praça empoeirada e sem calçamento. Peredónov disse:

— Mas e a princesa, como vai ficar? Ela ficaria zangada se eu largasse a Varvara.

— Que princesa que nada! — disse Rutílov. — Ela não é sua co-madre. Deixe que ela lhe arrume o cargo antes — para amarrar-se tem tempo. Do contrário, como é que é? Você vai de olhos fechados, às cegas?

— Isso é verdade... — concordou pensativamente Peredónov.

— Então diga isto para Varvara: primeiro o cargo — insistia Rutílov. — Senão, eu não acredito. Receba o cargo e depois se case com quem quiser. Por que não pega uma das minhas irmãs? São três — escolha à vontade. Moças instruídas, inteligentes, sem querer me gabar, mas Varvara não entra no páreo com nenhuma delas. Não chega aos pés das minhas irmãs.

— Hum... — mugiu Peredónov.

— Pois então. Sabe para que serve a sua Varvara? Aqui ó, cheire.

Rutílov baixou-se, arrancou um ramo lanoso de meimendro*, amassou as folhas e as flores branco-sujas e, esfregando tudo com os dedos, levou ao nariz de Peredónov. Este fez uma careta por causa do cheiro forte e desagradável. Rutílov lhe disse:

— Amassar e jogar fora, é para isso que a sua Varvara serve — entre ela e as minhas irmãs, meu caro, há uma enorme diferença. Moças espertas, vivas — tome qualquer uma, não o deixará dormir. E ainda por cima são jovens — a mais velha é três vezes mais nova que a sua Varvara.

Tudo isso Rutílov lhe dizia como de costume, rápido e alegre, sorrindo; porém, alto e de peito estreito, ele parecia murcho e frágil, e, por baixo do chapéu novo e na moda, os cabelos claros, ralos e cortados rente despontavam pensosamente.

— Três vezes mais nova? — replicou Peredónov, com moleza, tirando e limpando os óculos dourados.

— Isso é certo! — exclamou Rutílov. — Veja lá, hein? Não durma no ponto, aproveite enquanto estou vivo, pois as minhas também são metidas a importante — depois vai querer, mas então será tarde. Por sinal, qualquer uma delas iria com você com grande prazer.

— Sim, aqui todas se apaixonam por mim — disse Peredónov se gabando, taciturno.

— Está vendo só? Então aproveite o momento — continuou a convencê-lo Rutílov.

— O importante é que eu gostaria que ela não fosse muito magra — disse Peredónov com tristeza na voz —, uma gordinha iria bem.

— Quanto a isso não se preocupe — falou Rutílov animado. — Elas agora já são meio rechonchudas, para ficarem mais volumo-

* Meimendro (*Hyoscyamus niger*), planta venenosa da família das solanáceas usada como remédio para doenças nervosas. (N. do T.)

sas é só questão de tempo. Depois de casar, elas engordarão como a mais velha. A nossa Larissa, você sabe, ficou como um empadão*.

— Eu bem que casaria — disse Peredónov —, mas tenho medo de que Vária me arrume um escândalo.

— Medo de escândalo? Então faça o seguinte — disse Rutílov com um sorriso astuto: — Case-se hoje mesmo ou senão amanhã: apareça em casa com uma jovem esposa, e estará tudo terminado. É sério, quer que eu arrume tudo para amanhã à noite? Qual vai querer?

De repente Peredónov caiu numa gargalhada forte e intermitente.

— Então? Estamos combinados? — perguntou-lhe Rutílov.

Peredónov, da mesma forma abrupta, parou de rir e disse sombriamente, em voz baixa, quase num sussurro:

— Vai me delatar, a canalha.

— Não vai delatar coisa nenhuma, não há o que delatar — tentou persuadi-lo Rutílov.

— Ou me envenenar — murmurou Peredónov amedrontado.

— Mas você pode confiar plenamente em mim — insistia Rutílov acaloradamente —, arrumarei tudo com o maior cuidado...

— Sem dote eu não caso — gritou Peredónov irado.

Rutílov não ficou nem um pouco surpreso com o novo salto dos pensamentos de seu sombrio interlocutor. E continuou a replicar com a mesma animação:

— Você é esquisito! E você acha que elas não vão ter dote?! E então, vai ou não vai? Pois bem, então vou correndo arrumar tudo. Mas bico calado, nem um pio para ninguém, está me ouvindo? Para ninguém!

Ele apertou a mão de Peredónov e afastou-se apressadamente. Peredónov seguiu-o com os olhos em silêncio. Imaginou as senho-

* No original, [kulebiaká], torta recheada de carne, peixe ou repolho. (N. do T.)

ritas Rutílova alegres, risonhas. Um pensamento lascivo espremeu de seus lábios o simulacro torpe de um sorriso, que apareceu e num átimo desapareceu. Uma agitação obscura tomou conta dele.

"É com a princesa, como vai ficar?", pensou ele. "Daquelas, só uns trocados, nenhuma proteção que valha a pena, e com Varvara não só serei inspetor como ainda podem me transformar num diretor."

Ele voltou a olhar para Rutílov, que se afastava correndo com ar atarefado, e pensou maldosamente: "Deixe-o correr inutilmente."

Esse pensamento trouxe-lhe vaga satisfação. Mas então começou a sentir-se entediado por estar sozinho, cobriu a testa com o chapéu, franziu as sobrancelhas claras e dirigiu-se rapidamente para casa passando por ruas vazias e sem calçada, com lama misturada à relva, onde cresciam musgos com florzinhas brancas.

Alguém o chamou em voz baixa e agitada:

— Ardalión Boríssytch, dê uma paradinha aqui.

Peredónov levantou os olhos sombrios e olhou através da cerca com raiva. No jardim, atrás do portão, estava Natália Afanássiéva Viérchina, mulher pequena e magra, de tez escura, toda de preto, inclusive os olhos e as sobrancelhas. Ela fumava um cigarro numa piteira de cerejeira escura e sorria de leve, como se soubesse de algo que não se fala, mas que faz sorrir. Não tanto pelas palavras, mas pelos movimentos leves e rápidos, ela atraiu Peredónov ao jardim: abriu o portão e afastou-se para o lado sorrindo súplice e, ao mesmo tempo, segura de si e fazendo sinais com as mãos — entre, por favor, por que está parado?

Peredónov entrou, obedecendo-lhe, como se enfeitiçado por esses movimentos sem som. Mas, repentinamente, parou no caminho estreito de areia — gravetos secos chamaram-lhe a atenção — e olhou o relógio.

— Está na hora do almoço — resmungou ele.